

SOLANGE RIBEIRO DE OLIVEIRA E JUDITH STILL. *Brazilian Feminisms*. Nottingham: University of Nottingham Monographs in the Humanities, 1999.

Constituído de onze ensaios e uma apresentação, *Brazilian Feminisms* reúne ensaístas do Brasil, dos Estados Unidos e da Inglaterra. Na apresentação e primeiro ensaio (“Identity and Difference”), Judith Still discute as bifurcações do termo “feminismo” questionando a sua homogeneidade e universalidade. Examina questões de raça e classe, discute a necessidade de se considerar diferenças regionais e compara a vida das mulheres de classe média no Brasil com a das que trabalham como empregadas domésticas. Discute o papel duplo da Igreja católica que, ao mesmo tempo que organiza grupos de mulheres nas favelas, condena o aborto (mesmo em casos de estupro) e se posiciona contra o uso de métodos anticoncepcionais. Na sua análise sobre raça e feminismo, enfoca também a questão da mulher branca (mãe virgem e pura) em contraste com a figura da mulata (símbolo de sensualidade) e da escrava negra. Questiona estereótipos, discute mitos e estabelece diferenças entre a conceito de raça nos Estados Unidos e no Brasil. Examina ainda a relação entre feminismo e identidade nacional, considerando as conseqüências que a busca de uma identidade nacional teve para o feminismo no Brasil. Considera os seguintes pontos: 1) o papel “civilizador” dado às mulheres na construção de uma nova nação; 2) a obsessão com a identidade nacional que leva à assimilação de diferenças; 3) a relação complicada das mulheres brasileiras com a teoria desenvolvida no primeiro mundo.

O segundo capítulo, “Eve, Mary and Magdalene: Stereotypes of Women in Sixteenth-Century Brazil” de Luiz Carlos Villalta, analisa imagens e estereótipos sobre mulheres desenvolvidos pela literatura jesuítica. O terceiro ensaio, “Slavery, Subversion and Subalternity: Gender and Violent Resistance in Nineteenth-Century Bahia” de Jane-Marie Collins baseia-se em teorias e estudos desenvolvidos nos Estados Unidos e no Caribe para analisar a invisibilidade da mulher escrava na história brasileira. Discute dois casos de assassinato das “senhoras” e de suas crianças por escravas.

Em “The Presence of Cassandra: Women in Faulkner’s *Absalom, Absalom!* and in José Lins do Rego’s *Fogo Morto*,” Heloísa Toller Gomes analisa o papel da mulher nesses dois romances, discutindo o espaço masculino e feminino, a presença/ausência da sexualidade feminina, os códigos que governam a presença da mulher na sociedade e a mentalidade patriarcal da época. O ensaio seguinte, “Discardable Discourses in Patrícia Galvão’s *Parque Industrial*” de Hillary Owen, examina a posição de Pagu como uma “escritora burguesa,” tentando apresentar uma literatura engajada. Mostra uma visão equilibrada dos (des)acertos de *Parque industrial* e da militância de Pagu e a sua ênfase na resistência do proletariado.

O sexto estudo, “The Reception of Clarice Lispector via Hélène Cixous: Reading from the Whale’s Belly” de Elena Carrera, analisa as leituras idiossincráticas de Cixous sobre a obra de Lispector, mas concorda que ela ajudou a desenvolver um interesse internacional na literatura da escritora brasileira. Sandra Regina Goulart de Almeida analisa “The Madness of Lispector’s Writing,” utilizando teorias desenvolvidas por Catherine Clément, Hélène Cixous, Julia Kristeva, Gayatri Spivak para examinar a questão da loucura em *Água viva*, *A paixão segundo G.H.* e *Um sopro de vida*. Almeida discute a loucura no sentido metafórico e simbólico, “a loucura da linguagem,” um signo de estratégia transgressora.

O oitavo ensaio é de Solange Ribeiro de Oliveira (“The Dry and the Wet: Cultural Configurations in Clarice Lispector’s Novels”) em que ela faz um apanhado da recepção crítica da obra de Lispector no Brasil para concluir que os críticos geralmente preferem analisar os aspectos existenciais e psicológicos e as técnicas narrativas nos textos de Lispector, esquecendo-se dos aspectos sócio-culturais da obra dela. Considera que há uma explicação para tais escolhas: a dependência cultural do Brasil, a importação de idéias e conhecimento estrangeiros e uma herança colonial que aflige os brasileiros. Oliveira discute *A hora da estrela*, *Uma aprendizagem*, *A cidade sitiada*, *A maçã no escuro* e *A paixão segundo G.H.*

Em “Darkness Visible: Alternative Theologies in Lygia Fagundes Telles,” Maria Manuel Lisboa analisa o papel da mulher na cultura brasileira discutindo as metáforas do nascimento, do corpo materno e da mãe pátria. Examina ainda a “mulher sedutora,” a “mater dolorosa” e a deserção da maternidade. Concentra-se nos contos “Natal na barca” e “Missa do galo,” uma re-escritura do texto de Machado de Assis. Ruth Silviano Brandão apresenta “Lights, Camera: Fiction” examina memórias de atrizes (Tônia Carrero, Fernanda Montenegro e Dina Sfat), analisando tanto a característica teatral dessas memórias as distingue de outros livros de memórias como a impossibilidade dessas mulheres se distanciarem dos papéis que representam na tela ou no palco. “Theory and Pedagogy in the Brazilian Northeast” de Darlene Sadlier é um depoimento sobre as suas incursões acadêmicas em Recife e uma descrição dos textos que usou no curso. Apresenta de maneira breve o problema do “feminino” no cânone brasileiro e no Nordeste.

No último ensaio da coletânea, “Importing Feminist Criticism,” Maria Elisa Cevalco posiciona a questão do feminismo no Brasil e, mais detalhadamente, a importação sem crítica de idéias e teorias estrangeiras simplesmente porque elas estão “na moda” ou são “recursos férteis.” Baseando-se em pontos desenvolvidos por Annette Kolodny, Elaine Showalter e Alice Jardine, argumenta sobre as dificuldades de se aplicar tais teorias (que se baseiam no pressuposto da igualdade) no Brasil onde a desigualdade em todos os níveis é endêmica. Conclui que no Brasil as condições sócio-históricas impedem a existência de um pluralismo: “pluralism among non-equals has historically meant, at its worse, capitulation to the most powerful and, at its best, the endless proliferation of diversity” (178).

Alguns ensaios de *Brazilian Feminisms* usam teorias feministas desenvolvidas em outros países para analisar posições, temas e textos brasileiros e outros criticam tal posicionamento, como se observa, por exemplo, no estudo de Oliveira que, citando Roberto Schwarz, condena o uso de teorias estrangeiras para se analisar a realidade brasileira: “this opening up to current international trends is not bad in itself . . . except when it leads to the abandonment of our own national theorists” (120). Além disso, o volume dedica três dos seus seis ensaios sobre literatura e recepção crítica à análise dos textos de Lispector. É inegável a posição de destaque que ela tem ocupado na literatura brasileira e mundial, mas há muitas outras escritoras brasileiras de renome tanto na prosa como na poesia que escrevem sobre a condição feminina. Se raça e classe constituem elementos importantes na definição de “feminismos,” como argumenta Judith Still, nota-se a ausência de estudos sobre escritoras negras e/ou pobres que politizam uma arena feminina e social.

Ainda que *Brazilian Feminisms* apresente algumas lacunas e contradições, os ensaios são muito bem elaborados, bem escritos e abordam tópicos atuais e de interesse àqueles que

se dedican tanto a los estudios de la teoría feminista como a los estudios brasileños o latinoamericanos. Los estudios versan sobre una variedad de temas que analizan los papeles de la mujer brasileña en el pasado y en el presente, cuestionando dogmas, estereotipos y mitos. Las divergencias teóricas y las contradicciones encontradas pueden ser vistas también por un otro prisma, constituyendo una abordaje intencionalmente provocadora y “heteroglota.” O sea, las discusiones, tópicos y afiliaciones teóricas en algunos ensayos acaban por salientar las impertinencias de otros, creando con esto una tensión textual positiva. Establecen así una arena de voces que incluye la estrategia de la provocación y el estratagema de la decifración de códigos culturales, literarios y teóricos a través de las propias diferencias presentadas.

*University of Iowa*

MARIA JOSÉ SOMERLATE BARBOSA

MARÍA CABALLERO-WANGÜEMERT. *Borges y la crítica: El nacimiento de un clásico*. Madrid: Complutense, 1999.

Teniendo en cuenta las agitados polémicas en torno a las nociones de “clásico” y “canon” que han tenido lugar en el campo de la teoría literaria en los últimos años, el subtítulo de este libro (*El nacimiento de un clásico*) así como la intención declarada por su autora de que “este libro nunca se concibió como mero examen bibliográfico” (171) despiertan legítimas expectativas con respecto al marco teórico que se utilizará en el mismo. En este respecto, sin embargo, las expectativas se van a ver defraudadas. La única distinción que establece la autora a nivel teórico es una división entre obra “canónica” y obra “clásica”, distinción que parece tener como solo fundamento un criterio geográfico: la obra de Borges llega a ser “canónica” en el contexto argentino mientras que se convierte en “clásica” cuando alcanza proyección en el contexto internacional.

Tradicionalmente, el término “clásico” se ha aplicado a las obras que supuestamente pertenecen al nivel más alto, las cuales, según esta concepción, se revelan como obras superiores, capaces de enriquecer permanentemente el espíritu humano, mientras que la selección de estas obras “clásicas” se denomina “canonización”. Estas obras, según esta misma línea de pensamiento, “sobreviven” gracias a valores que les son inherentes y que trascienden todo tiempo y espacio. Pero la aparente neutralidad del proceso por el cual una obra se convierte en clásica o canónica ha sido duramente cuestionada en los últimos años: no sólo los valores inherentes a una obra sino los intereses políticos, las ideologías, las instituciones y las necesidades de las clases dominantes tienen voz en esta decisión. Ninguno de estos factores están, sin embargo, seriamente considerados en el libro que nos ocupa.

En la primera parte, bajo el título “El papel de la crítica en el reconocimiento de un escritor”, Caballero-Wangüemert divide la producción crítica sobre Borges de acuerdo a criterios temporales: los trabajos críticos publicados en revistas argentinas como *Megáfono* y *Sur* en los años treinta y cuarenta; el juicio de los parricidas y los primeros estudios “científicos” de los años cincuenta; la proyección internacional, especialmente en Francia y Estados Unidos, que alcanza la obra de Borges durante la década del sesenta, década en